

# **CULTURA POPULAR E LITERATURA**



## CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: ENSINO DE LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Storytelling: teaching literary and literary reader training

Andréia Nascimento Carmo  
Secretaria de Educação e Cultura do Tocantins (SEDUC/TO)  
Valdivina Telia Rosa de Melian  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

### RESUMO

Neste trabalho discute-se a importância da literatura oral para o processo de ensino-aprendizagem do aluno, tanto dentro como fora da escola. A contação de histórias, enquanto potencializadora do desenvolvimento cognitivo da criança, também fomenta a formação do aluno enquanto leitor literário capaz de ampliar seus conhecimentos nas mais diversas áreas. Assim, aponta-se a notável contribuição dessa prática para a ampliação da visão de mundo do ser humano e suas relações com o outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** contação de histórias; literatura; ensino.

### ABSTRACT

This paper discusses the importance of oral literature for the student's teaching-learning process both inside and outside school. Storytelling, as a potentiator of the child's cognitive development, also fosters the student's education as a literary reader capable of broadening his knowledge in the most diverse areas. Thus, it is pointed out the remarkable contribution of this practice to the expansion of the worldview of the human being and his relations with the other.

**KEYWORDS:** storytelling; literature; teaching.

### Literatura oral

O ensino de literatura, por meio da escrita, das imagens, e também através da oralidade, possibilita o aprendizado e a formação de leitores literários que poderão dialogar com os diversos níveis de textos. A contação de histórias é uma arte milenar praticada pelas civilizações que antecederam a escrita, como forma de transmitir seus conhecimentos para a geração seguinte. De acordo com Phillipe Ariès, a contação de histórias no século XVI era praticada para adultos e crianças. Mesmo depois que a literatura passou a ser escrita, ainda prevaleceu a contação de histórias sendo praticada por alguns grupos, como por exemplo, os *cotteries*, até o final do século XVIII:

Um memorialista conta-nos que em Troyes, no fim do século XVIII, os homens se reuniam durante o inverno nos cabarés e durante o verão “nos jardins, onde, após tirar a peruca, colocavam seus gorros”. “Esses grupos eram chamados de *cotteries*. Cada *cotteries* tinha pelo menos um contador de histórias, no qual todos os outros modelavam seu talento”. (ARIÈS, 2012, p. 73)

O autor descreve a contação de histórias como sendo uma prática importante, e que, por isso, também estava direcionada para adultos. A arte de contar histórias era praticada em dois intervalos do ano, inverno e verão, quando os homens se reuniam para o descanso. Uma prática utilizada como entretenimento e igualmente para informação. A contação de história é analisada

também por Peter Burke, o qual relata que no “Antigo Regime, a leitura verbal era praticada por alguém que sabia ler, no sentido de entreter aqueles que estivessem reservado um momento para descontração” (BURKE, 1992, p. 215). O autor explica que a leitura oral era um divertimento para quem tinha tempo disponível.

A contação de histórias era uma prática constante e rotineira no convívio das pessoas, que perdurou até o acontecimento da Primeira Guerra Mundial. De acordo com os escritos de Michèle Simonsen, após esse evento, “a prática de contar passou a existir apenas para crianças pequenas, na família ou na escola”(SIMONSEN, 1987, p. 25). Na mesma esteira, temos Walter Benjamin, o qual afirma que “no final da guerra, os combatentes voltaram mudos do campo de batalha, não mais ricos e sim mais pobres em experiência comunicável”(BENJAMIN, 1987, p. 198). O autor ressalta que, com o fim da Primeira Guerra Mundial, deu-se início a uma “modernização”, na qual a arte de contar, que é uma arte coletiva, foi substituída pela leitura do romance, que é realizada de forma individual e solitária.

A sociedade pós-moderna ficou mais individualista, mais centrada no desenvolvimento do comércio, e o ensino passou a ser mais tecnicista. A arte de contar foi substituída pela leitura e essa forma de praticar a contação de histórias individualizou o conhecimento. Segundo Burke, “a leitura era experiência mais reservada à minoria das pessoas educadas, que podia se permitir comprar livros” (BURKE, 1992, p. 216). A partir de então, a leitura passou a ser praticada por um seleto grupo de pessoas, que sabiam ler e podiam comprar livros, e que, por sua vez, passou a selecionar o que seria lido. A leitura literária, sobretudo, tornou-se prática de elite. Desta forma, a literatura se distanciou do convívio natural das pessoas menos favorecidas social e economicamente.

Embora a contação de histórias tenha sido um pouco deixada de lado com o passar do tempo, sua prática ainda é possível e importante na construção do saber. Assim como os brinquedos cavalo de pau e o cata-vento ainda fazem parte do universo da criança, do seu imaginário, pressupõe-se que o ensino da literatura, praticado por meio de contação de histórias, ainda pode muito em seu efeito, pois as crianças, segundo Ariès, “constituem as sociedades humanas mais conservadoras”(ARIÈS, 2012, p. 47). Seguindo a linha de pensamento do autor, acreditamos que mesmo em face do desenvolvimento tecnológico presente no universo escolar e também fora dele, é possível ter a contação de histórias como aliada no ensino de literatura. Conforme assinala Paul Zumthor,

A sociedade precisa da voz de seus contadores, independentemente das situações concretas que vive. Mais ainda: no incessante discurso que faz de si mesma, a sociedade precisa de todas as vozes portadoras de mensagens arrancadas à erosão do utilitário: do canto, tanto quanto da narrativa. (ZUMTHOR, 1997, p. 56)

O autor menciona a importância da contação, e é nesse sentido, que entendemos que a contação de histórias é uma aliada na formação de leitores literários, pois, enquanto a professora narra a história, o aluno vai criando com sua imaginação a própria história. A contação de histórias é uma forma de leitura interativa, que leva o aluno a desejar ler, buscar mais histórias. É uma ação que envolve movimentos, cores, sons, deixando assim o estudante completamente envolvido em um clima descontraído, que propiciará o aprendizado.

### **Literatura oral na prática escolar**

Quando o aluno participa na escola de momentos de contação de histórias, ele percebe certa afetividade, um momento que lhe parece familiar e, portanto, se descontrai e o aprendizado fica mais produtivo. Bakhtin nos esclarece sobre a relação da palavra e do sentido ideológico e afetivo:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico

ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 2014, p. 98)

De acordo com o autor, as palavras são veículos de transmissão de enunciados que podem transmitir conhecimentos, verdades ou mentiras, mas a pessoa só reage àquelas que despertam as emoções e o sentimento ideológico. Sendo assim, a leitura só será praticada quando interagir na emoção e pensamento do aluno, quando chamarem sua atenção. Nesse sentido, a literatura trabalhada através da contação de histórias poderá fazer desabrochar a curiosidade do aluno para o uso dos livros, porque é uma prática envolvente, que alcança os sentidos visual e auditivo, interagindo no raciocínio e nas emoções, pois quando alguém fala, ativa-se no seu interlocutor esses sentidos. Assim, a contação de histórias potencializa a construção do prazer pela leitura literária.

Segundo Caio Riter, “ouvir histórias e contá-las é o primeiro passo na formação de leitores, de pessoas para quem o ‘Era uma vez’ institui uma nova atmosfera, um novo universo”(RITTER, 2009, p. 67). Para o autor, a contação de histórias é um dos fatores determinantes para o aprendizado e para a formação do leitor literário. Marisa Lajolo e Regina Zilberman apresentam o ato de contar e ouvir histórias, como forma alternativa para a contextualização do cotidiano infantil e juvenil no âmbito da escola. A contação de histórias tem um cunho pedagógico, influencia na formação do caráter do sujeito ouvinte, no sentido da vivência com alteridade:

Essa oralização do discurso nos textos para crianças torna-se bastante coerente com o projeto de trazer para as histórias infantis o heterogêneo universo de crianças marginalizadas, de pobres, de índios. Da mesma forma que suas personagens e enredos deixaram de ser exemplares do ponto de vista dos valores dominantes, também distanciou-se do padrão formal culto, indo buscar na gíria de rua, em falares regionais e em dialetos sociais a dicção adequada aos novos conteúdos. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 151)

Trabalhar particularidades de uma variação linguística, por exemplo, do ponto de vista da literatura, tendo a contação de histórias como aliada, pode ser um caminho, e aqui reafirmamos, corrobora para a quebra dos preconceitos, dos estereótipos e dos paradigmas. Isso porque o som da fala e os movimentos do contador desencadeiam no ouvinte várias reações reflexivas, com mais ênfase do que se o aluno estivesse lendo isoladamente, uma vez que a leitura e a compreensão do texto são habilidades que evoluem de forma diferente de pessoa para pessoa. Seria, então, um encurtamento de tempo entre a teoria e a prática, criando assim, desde a infância, um caráter mais compreensivo, com uma abertura de aceitação do outro. Vygotsky diz que as crianças aprendem por imitação, ou seja, vendo os exemplos:

No desenvolvimento da criança, pelo contrário, a imitação e o aprendizado desempenham um papel importante. Trazem à tona as qualidades especificamente humanas da mente e levam a criança a novos níveis de desenvolvimento. Na aprendizagem da fala, assim como na aprendizagem das matérias escolares, a imitação é indispensável. O que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã. (VYGOTSKY, 2008, p. 129)

O pensador apresenta a importância do fazer no ato de ensinar, porque ao contar a história o professor estará também apresentando o livro, lendo em voz alta algumas páginas e, conseqüentemente, será uma estratégia para o resgate da construção do gosto pelas leituras literárias. Conforme apresentamos, o ensino de literatura, tendo como aliada a contação de histórias, poderá fazer a diferença no aprendizado como um todo.

A contação de histórias está prevista nas orientações direcionadas aos professores nos Parâmetros Curriculares Nacionais. De acordo com o que é apresentado no documento:

O trabalho com linguagem oral deve acontecer no interior de atividades significativas:

Seminários, dramatização de textos teatrais, simulação de programas de rádio e televisão, de discursos políticos e de outros usos públicos da língua oral. Só em atividades desse tipo é possível dar sentido e função ao trabalho com aspectos como entonação, dicção, gesto e postura que, no caso da linguagem oral, têm papel complementar para conferir sentido aos textos. [...] Mais do que isso, é preciso, às vezes, criar um ambiente que convide à escuta atenta e mobilize a expectativa: é o caso, por exemplo, dos momentos de contar histórias ou relatos (o professor ou os próprios alunos). A escuta e demais regras do intercâmbio comunicativo devem ser aprendidas em contextos significativos, nos quais ficar quieto, esperar a vez de falar e respeitar a fala do outro tenham função e sentido, e não sejam apenas solicitações ou exigências do professor. (BRASIL, 1997, p. 40)

É possível observar que a prática da contação de histórias faz parte do aprendizado do aluno. É uma orientação para as práticas pedagógicas pré-estabelecidas. É conduta, não modismo. Na contação, o aluno aprende a ouvir, a raciocinar, articular um diálogo que poderá começar com a contadora de histórias e com os outros alunos; assim, estender às demais pessoas de seu convívio. Por conseguinte, também resultará na curiosidade de ler outras histórias, e, desta forma, a leitura acontecerá naturalmente.

Segundo Nelly Novaes Coelho, “é contar história uma prática tão gratificante, que chega a produzir no narrador uma catarse dos conflitos mais íntimos”(COELHO, 2000, p. 52). De acordo com a autora, o ato de contar história provoca emoções fortes em quem as relatam. Desta forma, como em todo diálogo as emoções são sentidas simultaneamente, há uma troca entre o narrador e o interlocutor, professor e aluno. Lembramos que contação de histórias é uma arte cênica, mas essa característica é latente no professor que escolheu trabalhar com ensino fundamental, portanto, não é difícil praticá-la.

A oralidade nas aulas de literatura é um instrumento de aprendizagem não só da leitura, mas também da contextualização, da regionalização, situando o aluno nos mais diversos campos do conhecimento. As histórias poderão variar desde os contos maravilhosos até temas como matemática, história ou gramática, preservação da natureza, meio ambiente e geografia, como se pode notar no cordel *Epopéia tocantinense*, da escritora e contadora de histórias Irma Galhardo:

A luta gravou o recado: CO YVY ORE RETAMA, o povo nortense reclama e contra um clamor coletivo nada e ninguém há que possa, pudemos bradar com orgulho ESTA TERRA É NOSSA! (GALHARDO, 2012, p. 62)

E o nortista pode enfim “altaneiro levantar e o futuro contemplar já que o sonho secular acabara de realizar”, pois “brilhando dos céus aos confins” a esperança irradiava mais um astro ali reinava nosso amado Tocantins! (GALHARDO, 2012, p. 66)

Irma Galhardo contou a história da criação do estado do Tocantins em verso de cordel, transformando a teoria em contação de histórias sem negar a veracidade da mesma. De forma lúdica e descontraída, o aluno aprende o que poderia ser mais complexo apenas com as aulas teóricas. Essa riqueza de recursos presente na literatura estimula o aprendizado do aluno. O cordel é um instrumento de agregação que possibilita o aprendizado de forma lúdica, proporcionando ao leitor, além do conhecimento, o prazer. Suas histórias são de cunho informativo e cultural. A cultura popular retratada no cordel é apresentada de forma simples e cheia de humor. É um gênero literário simples que qualquer pessoa pode fazer uso, para contar e cantar qualquer assunto.

Por ser uma literatura de longo alcance popular, como nos explica Rogel Samuel, o cordel atravessou as fronteiras e está presente em todas as regiões do Brasil, independentemente de classe social. Além disso, surge nas salas de aulas como veículo para transmissão do conhecimento escolarizado. Conforme o autor, “acompanhando as migrações, o cordel tem penetrado nas maiores

metrópoles do país, e, por sua relevância quanto à abordagem própria dos temas e mitos não só regionais, mas humanos, penetrou as escolas e universidades, no exterior inclusive” (SAMUEL, 1985, p. 174).

De acordo com Márcia Abreu, a literatura de cordel é marcada pela oralidade, “o público, mesmo quando a lê, prefigura um narrador oral, cuja voz se pode ouvir. [...]. Portanto, pode-se entender a literatura de folhetos nordestina como mediadora entre o oral e o escrito”(ABREU, 1999, p. 118). Conforme a autora, a oralidade e a escrita na literatura de cordel são partes integrantes do todo. Por ser de fácil acesso, também influenciam no prazer da leitura. A literatura de cordel é também divulgadora da arte do cotidiano, das tradições populares e é de inestimável importância para a manutenção das identidades locais e das tradições literárias regionais, contribuindo para a perpetuação do folclore brasileiro.

É possível praticar a contação de histórias também com outros gêneros literários. Como é o caso do conto fantástico, o qual Michèle Simonsen nos explica, “constitui, sobretudo, uma exploração dos limites da racionalidade, e das relações entre o indivíduo e o social”(SIMONSEN, 1987, p. 51). De acordo com a autora, os contos fantásticos, ao serem lidos, ou ouvidos, ultrapassam os limites da racionalidade, construindo um mundo onde tudo é possível. É uma forma de realização dos desejos subjetivos, mais íntimos do inconsciente. Como demonstrado no exposto, a narração, a contação de história, têm influência no universo da coletividade, tornam o convívio mais afetivo.

Nesse sentido, reafirmamos que a oralidade literária, conforme aponta Kenia Adriana de Aquino, produzirá no leitor um entendimento do qual ele, enquanto ouvinte, subtrairá, dessa ficção aprendizados e soluções para seus conflitos interiores. Porque a literatura é subjetiva e a oralidade traz ao sentido uma força que atinge os olhos, os ouvidos e o coração (cf. AQUINO, 2012). Porque o ouvinte está observando a expressão, o movimento corporal que acompanha a voz de quem conta a história. As práticas pedagógicas com literatura, envolvendo narração, a oralidade, segundo Nely Novaes Coelho, captam a atenção do alunado, independentemente da idade:

O maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Essa tem sido a conclusão da psicanálise, ao provar que os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional. (COELHO, 2000, p. 54)

A autora ressalta que os contos têm um elo com o desenvolvimento, com a conquista da maturidade emocional do ser humano, e que, por meio de sua leitura, os dilemas internos vão sendo compreendidos. Como evidenciado, o conto de fadas, o maravilhoso, lido ou por meio da contação de histórias, é parte integrante do desenvolvimento cognitivo da criança, assim como também do adolescente. O imaginário tem influência na realidade, no sentido de superação que a criança procura nos seus heróis ou mesmo realiza vinganças inconscientes, resolvendo conflitos interiores, dando respostas que não seria possível encontrar no meio em que vive. Nesse sentido, as práticas de leituras devem ser diversificadas, pois a escola contém uma heterogeneidade, vários olhares, e cada aluno tem sua própria história e maneira especial de aprender. Marina Colasanti ressalta que mesmo vivendo em uma época de transformações rápidas, é possível o diálogo com o mundo da fantasia, independentemente da idade:

Nessa época de transformações rápidas, muda a realidade externa, mas a nossa realidade interior, feita de medos e fantasias, se mantém inalterada. E é com esta que dialogam as fadas, interagindo simbolicamente, em qualquer idade e em todos os tempos. (COLASANTI, 2006, p. 62)

Conforme demonstrado pela autora, a realidade e a fantasia dialogam com o leitor ou ouvinte, interagindo, provocando uma reflexão. Esse diálogo singular, que faz parte da literatura,

tão importante para a organização da visão de mundo das pessoas, representa um instrumento facilitador para o ensino e o aprendizado da leitura literária.

Cléo Busatto explica que grande parte dos contos da tradição oral tem como característica repercutir suas vozes no sujeito-ouvinte, provocando uma “mudança de horizonte” (BUSATTO, 2013, p. 81). Isso se dá pela sua estrutura arquetípica que se expressa por uma linguagem atemporal e que, portanto, se mantém atual. Ainda de acordo com a autora, se, durante o ato da contação de história, o ouvinte transcender para o mítico e o divino, “implica uma atitude transdisciplinar, pois coloca o ouvinte em contato com diferentes níveis de realidades” (BUSATTO, 2013, p. 81). De acordo com ela, essa transposição de níveis de realidades é que produz a transdisciplinaridade. A contação de histórias proporciona aproximação entre os alunos e o professor, e também desenvolverá nos alunos a capacidade de retórica, uma vez que a aula será um diálogo.

A contação de histórias, contrariando todas as previsões de que a tecnologia substituiria o uso do livro e da narrativa, tem sido um assunto muito debatido na atualidade. Affonso Romano de Sant’Anna ressalta que, nas últimas décadas, sobretudo a partir dos anos 1980, houve uma revalorização da narrativa, e que as universidades se voltaram para este fenômeno, estudando o renascimento da contação de histórias: “Quer dizer, a leitura e a contação de histórias não apenas estão na moda, mas estão irremediavelmente geminadas” (SANT’ANNA, 2011, p. 14).

Cléo Busatto esclarece que essa arte milenar está em pleno desenvolvimento, “não há dúvidas de que a narração de histórias vai permanecer entre nós, encontrando na voz seu principal objeto, como foi outrora, para os trovadores medievais ou para os declamadores do início do século XX” (BUSATTO, 2013, p. 127). Conforme apontado, a contação de histórias é um movimento permanente entre os humanos, que têm acompanhado sua evolução. Para o desenvolvimento desta arte temos dois tipos de contadores de histórias: o tradicional e o contemporâneo. E o professor pode se inspirar em um dos dois perfis, de acordo com o momento e o texto. Segundo aponta Cléo Busatto:

O contador tradicional identifica-se com o narrado e retira os significados do momento presente, constituindo a sua leitura de mundo a partir da interpretação do universo cultural do qual faz parte, para depois compartilhar com seu ouvinte, socializando o saber e caracterizando o ato de contar como um momento de elaboração das suas próprias crenças. (BUSATTO, 2013, p. 23)

O contador contemporâneo atua num regime de oralidade secundária, ou seja, encontra-se inserido no contexto de uma cultura letrada, se apropria da escrita, da impressão e das novas tecnologias. Surge em diferentes setores da sociedade atual movido pelo desejo de fazer de sua voz uma marca na sua comunidade e ávido por mergulhar nos segredos da narração. Carrega consigo influência de seu tempo e dos meios de comunicação que o cerca: imprensa escrita, rádio, TV, telefone, internet. Carrega para sua narração marcas de outras artes, como o teatro, a poesia, a declamação, a dança, a mímica, o canto (cf. BUSATTO, 2013).

Os dois tipos de contadores de histórias apontados estão presentes em nossa realidade, e o professor pode se espelhar nos dois para ministrar uma aula interativa. O que corrobora com nossa ideia de criatividade em sala de aula, pois temos que a contação de histórias é uma criatividade a ser implementada pelo professor, apresentamos a visão de Zwierewicz:

O que educa e faz uma criança feliz é sua inserção e sua valorização, o que não é viável com aprendizagens fechadas e empacotadas em livros. Ao contrário, os estímulos “cultural e socialmente enriquecidos na escola” que se configuram em entornos potencializadores, marcando a diferença do processo educacional. (ZWIEREWICZ, 2014, p. 54)

Entendemos estes estímulos como oportunidade de expressão, de audição, durante a execução de uma boa história, sendo contada tanto pelo professor como por um dos alunos,

ou até mesmo por outra pessoa, a convite do professor. Porque a literatura é estimulante por si só, traz uma ideia de liberdade, movimentando saberes:

Porque a literatura, mesmo sem ser produzida exclusivamente para ensinar algo, proporciona aos leitores saberes. Saberes esses que movem, se entrecruzam, se somam, se multiplicam, se dividem e, porque não, se subtraem. (CORRÊA; MARTINS, 2007, p. 8)

Essa ideia de saberes que ensinam, defendida pelos autores, converge com nosso pensamento quando apresentamos a contação de histórias como possibilidade para a formação do leitor literário. Também nos remete às afirmações de Roland Barthes: “a literatura assume muitos saberes” e “a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles” (BARTHES, 2007, p. 18). Essa complexidade apresentada pelos autores nos impulsiona a dizer que a contação de histórias exige uma atitude transdisciplinar, por parte do professor.

### **Literatura oral e conhecimento de mundo**

Desde a Idade Média as pessoas já se reuniam para a contação de histórias. Segundo Michèle Simonsen, o hábito da narração de contos ocorria principalmente entre os adultos e havia as instituições de transmissão da literatura oral em que acontecia uma reunião na qual uma pessoa era designada para a recitação, que, por sua vez, poderia ser controlada pelos ouvintes atentos, caso o contador se enganasse ou esquecesse algum detalhe tradicional. Ainda de acordo com Simonsen:

O ato de contar se pratica segundo um sistema de três parâmetros principais: o quadro das reuniões (lugar, estação, hora, ocasião), a seleção dos participantes (ela própria operada segundo três critérios principais: sexo, faixa etária, profissão), o repertório (há uma certa correspondência entre o tipo de instituição de transmissão e os gêneros narrativos que nela se praticam). (SIMONSEN, 1987, p. 26)

As reuniões para contação de histórias, além das coletivas em que se misturavam toda a sociedade, foram, sobretudo, divididas em assembleias destinadas, separadamente por sessão, aos homens, às mulheres e às crianças. As últimas ouviam junto “com as histórias tradicionais e cantos populares, o respeito aos adultos e as boas maneiras” (SIMONSEN, 1987, 28). Durante a Idade Média (século V ao XV), os contos folclóricos se limitavam apenas à oralidade. Na Idade Moderna (século XV ao XVIII), os folcloristas preocuparam-se em coletar e registrar esses contos para a preservação da cultura dos povos neles contida.

Assim sendo, destacaram-se alguns autores, como o francês Charles Perrault, conhecido por misturar os contos que encontrava na criação popular à sua imaginação, respeitando de suas fontes a poeticidade, a moral e até o que tivesse de cruel. Os alemães Wilhelm e Jacob Grimm ficaram conhecidos por transcreverem o material oral que recolheram do povo. Os Irmãos Grimm ganharam prestígio em sua segunda publicação, com as versões expurgadas dos contos populares, direcionadas para as crianças. Também se ressalta o escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, por produzir contos baseados em sua própria infância, em que a magia está em sua alma, e na maneira de lidar com o seu mundo interior.

Quando a família, os pais ou qualquer outra pessoa contam histórias, ou leem para as crianças, elas vão construindo uma ligação com o mundo exterior. Vão se construindo enquanto sujeito. Vão aprendendo a conviver com os outros. Por isso, quanto mais cedo as crianças iniciarem seu contato com o mundo da literatura, melhor será para o desenvolvimento de suas relações exteriores. Ponderamos que a responsabilidade de formação de leitor literário não é exclusividade da escola, embora seja compromisso desta, mas deve ser vista também como papel da família.

As recomendações são amplas e todas voltadas para as práticas de inserção da literatura entre 0 e 6 anos, e que podem acompanhar a pessoa por toda a vida. A participação dos pais

ou responsáveis pela criança, no ensino da leitura literária, é muito importante. Considerando-se que a literatura é uma constante na vida, seu ensino não depende de condição financeira e pode ser praticada até mesmo por pais analfabetos, através da contação de histórias, por meio do cordel cantado ou narrado, das parlendas e até de texto não verbal.

Assim, a literatura é o fenômeno que pode ser articulado de diversas maneiras para se atingir a formação de um leitor literário, que se tornará capaz de dialogar com todos os níveis de textos. A contação de histórias é uma forte aliada da literatura e da escola, na construção do gosto de ler e na formação do cidadão crítico e ativo em seu meio social. De acordo com Daniel Munduruku, “oralidade e literatura criaram uma simbiose tamanha incapaz de haver separação ou anulação de uma pela outra. Quero dizer com isso que a literatura não apaga a oralidade ou vice-versa. As duas se completam”(MUNDURUKU, 2014, p. 177). A literatura e a oralidade sempre estiveram juntas no cotidiano do ser humano, exercendo uma função para além da gratuidade, da arte pela arte, fazendo parte do contexto de formação das pessoas que delas fazem uso.

### Considerações finais

A literatura é indissociável do ensino e do aprendizado porque é do humano. Ela toca o ser humano em sua plenitude, integraliza os saberes tanto no individual como no coletivo. A contação de histórias é parte integrante do ensino de literatura, porque com sua narrativa tem a capacidade de tocar nas memórias afetivas, desencadeando assim emoções e sentimentos que envolverão os alunos numa atmosfera de relaxamento e ao mesmo tempo de atenção. Dois sentimentos antagônicos entre si, pois o alunado fica em estado de êxtase, esperando o desfecho final da história, que para cada um será diferente, posto que a literatura é subjetiva, agindo de forma profunda no interior do indivíduo, resolvendo seus conflitos, agindo e interagindo em suas emoções.

Como explica Huizinga, a literatura é um jogo, assim como a vida também é (cf. HUIZINGA, 2000). E o jogo tem espírito de competição, de luta, de vencidos e vencedores. Nesse sentido, a literatura, a contação de histórias, são permeadas com as mesmas emoções do jogo, com um misto de suspense e apreensão. Assim como o cordel, os contos de fadas também fazem parte desse jogo literário, pois conforme afirma Zilberman, em sala de aula, eles “podem colaborar na condução do gosto pela leitura, que levará certamente à abertura de novos horizontes fantásticos” (ZILBERMAN, 2012, p. 145).

O diálogo é fundamental para o crescimento intelectual. Nele se faz necessário o uso da literatura em suas diversas formas como a poesia, a contação de histórias, os romances, como ponte para alcançarmos o outro e poder ouvi-lo. Sabemos que a literatura não deve ser praticada apenas para fins pedagógicos. Posto que é uma arte, como a poesia, por exemplo, também é uma forma de expressão de sentimento, capaz de formar um cidadão melhor na arte de se comunicar, de compreender conflitos externos e internos, tornando-se mais esclarecido e crítico acerca das relações sociais em que está inserido.

Assim, a contação de histórias é propícia para o trabalho em sala de aula. Seus efeitos são inúmeros e englobam outros aspectos da vida, como a relação do indivíduo com o outro, com o mundo à sua volta. O ato de contar histórias é conhecimento empírico, modifica os níveis de realidade do ser humano, que, ao escutar uma história, encontra formas diferentes para viver, para aprender mais sobre si mesmo e o outro, influenciando na resolução de problemas afetivos e cognitivos.

### Referências

- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- AQUINO, Kenia Adriana de. *O nascimento do leitor: ler, contar e ouvir histórias na educação infantil*. Jundiaí: Paco, 2012.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moises. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BURKER, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.
- BUSATTO, Cléo. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLASANTI, Marina. *Uma ideia toda azul*. São Paulo: Global, 2006.
- CORRÊA, Hercules; MARTINS, Aracy. O jogo dos saberes literários. In: PAIVA, Aparecida et al (Org.). *Literatura: saberes em movimento*. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2007.
- GALHARDO, Irma. *Epopéia tocantinense*. Palmas: Irma C. S. Galhardo, 2012.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 2007.
- MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena e as novas tecnologias da memória. In: BELMIRO, Celia Abicalil et al. *Onde está a literatura? Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2014.
- RITER, Caio. *A formação do leitor literário em casa e na escola*. São Paulo: Biruta, 2009.
- SAMUEL, Rogel. *Manual de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. Contação de histórias, vida e realidade. In: PRIETO, Benita (Org.). *Contadores de histórias: um exercício para muitas vozes*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- SIMONSEN, Michèle. *O conto popular*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- VIEIRA, Adriana Silene; FERNANDES, Célia Regina Delácio. O acervo das bibliotecas escolares e suas possibilidades. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Org.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica, 2010.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- \_\_\_\_\_. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.
- ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.
- ZWIEREWICZ, Marlene. Complexidade, transdisciplinaridade e ecoformação: conceitos norteadores das Escolas Criativas e suas implicações na difusão do pensamento do Sul. In: PINHO, Maria José de; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; SUANNO, João Henrique. *Formação de professores e interdisciplinaridade: diálogo investigativo em construção* (Org.). Goiânia: América, 2014.

Recebido em: 23 out. 2017.

Aprovado em: 30 nov. 2017.

